



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Luta maior X Luta menor: sexualidade e política em anos ditatoriais. (Brasil, 1978 – 1981)

Daniel Henrique de Oliveira Silva

Universidade Federal de Uberlândia – daniel.hos@hotmail.com

Resumo do artigo: O presente trabalho propõe discutir a relação do movimento de esquerda nos anos finais da ditadura militar com o movimento homossexual. Reflexões realizadas por meio do jornal *Lampião da Esquina*, que surgiu em abril de 1978 e perdurou até 1981, com publicações mensais, predominantemente com vinte páginas, três edições extras e uma experimental, nos anos finais da ditadura civil-militar no Brasil, período de leve abertura, mas ainda sob forte repressão aos meios de comunicação. Escrito por homossexuais masculinos mas com abertura para publicações variadas externas. Nesse sentido, ao longo do artigo foi analisado essa relação conhecida como “luta maior” e “luta menor”, em que parcela do movimento de esquerda tentou ocultar movimentos ditos minoritários: negro, homossexual, mulheres, afirmando que naquele momento todos deveriam unir forças para combater o inimigo comum, a ditadura militar. Fernando Gabeira, ícone do movimento de esquerda naquele momento, ao voltar do exílio percebe o papel desses outros movimentos na lutar contra a repressão, não sendo necessário o silenciamento destes para haver uma luta pró democracia, sendo possível a construção de uma frente ampla e plural de maneiras independentes..

Palavras-chave: Movimento homossexual, movimento de esquerda, ditadura militar.

Introdução:

O *Lampião da Esquina*, periódico criado e mantido como veículo voltado ao público homossexual brasileiro, iniciou sua circulação em abril de 1978 e teve sua última edição em julho de 1981. Consideramos importante perceber sua emergência na sociedade brasileira, especialmente na década de 1970, marcada pela atuação de novos movimentos sociais que lutavam contra a opressão e em busca de liberdade de expressão. O cenário era o de declínio ou esgarçamento político do regime militar que assumiu o poder em 1964, após um golpe de Estado, e que foi responsável pelo cerceamento dos canais de comunicação social e particularmente pela censura à imprensa após o AI-5, “decretado em 13 de dezembro de 1968, acabou com esse ensaio de emancipação que mal tinha sido desencadeado. A repressão, a censura, o medo, as violências, a cassação de direitos e o poder policial”, marcaram tal episódio¹.

¹ GREEN, James.; QUINALHA, Renan. (org.) Ditadura e Homossexualidades. REPRESSÃO, RESISTÊNCIA E A BUSCA DA VERDADE. São Carlos: EdUfSCar, 2014, p. 21.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sobre a abertura política no anos finais da década de 1970, trata-se de um momento de conflitos resultante de pressões internas e externas de setores da sociedade civil que demandavam espaços de participação e representação democrática, portanto, não por acaso, trata-se de um processo que ficou reconhecido também como de início da abertura política. Neste contexto, foi criado o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), primeiro órgão de imprensa a abordar a homossexualidade de maneira explícita por um viés político, além de trazer à tona o debate em torno da sexualidade e levantar a bandeira de outros temas polêmicos.

Em relação ao movimento de esquerda e sua relação com o movimento homossexual, pretende-se ao longo desse texto problematizar a secundarização do movimento gay, pautado na tese de que naquele momento o foco deveria ser na “luta maior”, no inimigo comum, que era a ditadura militar. Frente a essa problemática, Fernando Gabeira, em entrevista ao jornal *Lampião da Esquina*, apresenta as possibilidades de subversão ao sistema imposto por meio do movimento homossexual. Os homossexuais eram capazes de lutar por democracia e colocar suas pautas em debate ao desvecilharem-se das imposições da “luta maior”. Lutar pelo direito ao prazer, pela não estigmatização dos homossexuais e aceitação, rompia com os padrões estabelecidos e principalmente com o sistema vigente.

Metodologia: Nessa pesquisa foi utilizado prioritariamente teóricos de gênero que serão explicitados adiante. Iniciando por Judith Butler², ela chama nossa atenção para uma discussão mais ampla em relação ao gênero, e questiona até que ponto o entendimento que temos de homem e mulher desconsidera o fato de que um e outro, e suas variações, são performances, utilizadas por nós para categorizar os comportamentos e que foge, por conseguinte, à empiria: Que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre “homens” e “mulheres”, e a estabilidade interna desses termos?

Michel Foucault, filósofo francês, trouxe à tona, por meio do livro; “História da Sexualidade I a vontade de saber”³, questões sobre a hipótese repressiva, questionando se a sociedade capitalista realmente obrigou o sexo a silenciar-se. Foucault nega essa hipótese

² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

repressiva, afirmando que desde meados do século XIX, com a tentativa de regulação do sexo, por meio da igreja, da escola, da família e da medicina, há uma incitação do discurso sexual. É relevante dizer que Foucault não afirma que houve um período de liberação sexual, mas sim um momento em que tentava controlar a sexualidade da população, incitando a vontade de saber referente à sexualidade.

A história da sexualidade é, para Foucault, uma história de nossos discursos sobre a sexualidade, discursos através dos quais a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. A experiência ocidental da sexualidade, ele sugere, não é a repressão do discurso. Ela não pode ser caracterizada como um “regime de silêncio”, mas, ao contrário, como um constante e historicamente cambiante incitamento ao discurso sobre o sexo. Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade.⁴

Pensando a sexualidade a partir de Foucault, podemos analisar questões do jornal *Lampião da Esquina*, pensando que ao controlar a sexualidade, houve uma incitação a falar e a querer saber sobre sexo, conseqüentemente, gerou-se um discurso dominante, com parâmetros do normal e do aceito, designando aos homossexuais o estigma de anormais, e seres inferiores. Guacira Lopes Louro em “Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação”, ela propõe uma teoria pós-identitária, criticando o binarismo heterossexual/homossexual, ao destacar que nos últimos anos multiplicaram as instituições controladoras da sexualidade, juntamente com o Estado, a igreja e a ciência, e que, por isso, temos diversos outros grupos que disputam suas verdades sobre a sexualidade. Jeffrey Weeks se apropria do pensamento de Foucault para pensar a necessidade existente de pertencimento a determinado grupo ou identidade. As identidades têm um importante papel na congregação de “minorias”, no sentido de dar sustentação para enfrentar o discurso dominante, mas essa identidade deve ser sempre questionada, problematizada e diluída como forma de não simplificação das multiplicidades ali presentes.

Esses autores darão sustentação a pesquisa possibilitando pensar de que forma um

⁴ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. Op cit., p. 35.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

discurso normativo se enraíza em meio a uma movimento já inferiorizado, como o movimento de esquerda, incessantemente perseguido pelo controle ditatorial.

Discussão:

Na Edição 14, de julho de 1979, ao entrevistar o então líder no movimento metalúrgico, o Lula, ele responde a algumas questões referentes ao feminismo e homossexualidade. Frente a elas, afirma: “Feminismo – eu acho que é coisa de gente que não tem o que fazer”⁵, ele ainda afirma “Homossexualismo na classe operária – não conheço”⁶. Já apresentando esse trecho da entrevista com Lula, percebe-se que a dita luta menos não era prioridade nas pautas do movimento de esquerda, sequer eram tratados de forma profunda e ampla dentro deles.

Seguindo por outro importante militante do movimento de esquerda, na edição 18, de novembro de 1979, Fernando Gabeira é entrevistado por alguns integrantes do jornal, e é perguntado sobre temas considerados secundários, homossexualidade, feminismo, negros e índios:

João Carlos – Eu queria saber sua opinião sobre as relações entre os movimentos de minorias – negros, mulheres, homossexuais, índios – com a esquerda, que costuma desaconselhar esses movimentos, sob pretexto de que existe uma luta maior, da libertação do povo etc... Gabeira – Eu tenho tentado entender essa questão também, as dificuldades nas relações entre movimentos assim chamados minorias e a esquerda; assim chamados porque com o tempo a gente percebe que eles não são exatamente minorias – as mulheres são por exemplo, metade do país, os negros foram recenseados, mas são um numero muito grande etc... Eu tento explicar este problema da seguinte maneira; a esquerda vê todas as questões em torno da tomada do poder; a partir daí ela desenvolve um tática, uma estratégia; para ela, todas as lutas, todo o conjunto de lutas que a afastam da concentração de forças nas questões que a conduzem imediatamente à tomada do poder são consideradas inoportunas... Francisco – É esta chamada luta maior... Gabeira - ... Então, ela coloca sempre uma objeção à luta das minorias: “Nós não

⁵ ABC do Lula. Lâmpião da Esquina. n° 14, julho de 1979, p. 10.

⁶ Ibidem, p. 10.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

somos contra”, diz ela; “só achamos que é inoportuna, que, no momento, divide o movimento popular e fortalece o adversário”⁷.

Nessa entrevista, Gabeira reafirma a postura existente no movimento de esquerda, de colocar a luta pelos direitos das mulheres, negros, índios e principalmente dos homossexuais como secundárias. Esses temas, peculiarmente a homossexualidade, eram colocados como temas “intocáveis”, no sentido de que naquele momento não se tinha tempo para debater suficientemente essa questão, o que sugeria que fosse preciso hierarquizar e delimitar posicionamentos, sendo jogados na pecha de “luta menor”, como forma de postergar o enfrentamento desse tema que seguramente causaria polêmica na esquerda.

Gabeira, mostra que existiu uma “esquerda consciente”, sendo esta a que tinha a percepção da necessidade de lutar pelo “direito ao prazer”⁸. Em entrevista também questionou o movimento que ao pautar-se pelas ideias marxistas não enxergavam as possibilidades de questionar a sociedade burguesa:

Adão – E quanto ao homossexualismo? Gabeira – Quanto a essa questão, não havia, no horizonte do marxismo, nenhuma formulação interessante. Aí o que se colocou para nós foi observar o movimento dos homossexuais, e tentar entendê-lo com a perspectiva do marxismo. E, para mim, o marxismo poderá abordar essa questão na medida em que entender que o movimento homossexual coloca uma das lutas mais conseqüentes contra a sociedade patriarcal, representa um dos questionamentos mais profundos da sociedade patriarcal burguesa⁹.

Gabeira percebe nesse momento a força da luta homossexual como questionadora das estruturas patriarcais da sociedade. Era necessário, não apenas para ele repensar o conceito de “poder” e as perspectivas de ação política.

[...] Eles me ensinaram ainda mais; me mostraram, através da experiência deles, o quanto eu era uma pessoa reprimida; eles me ajudaram a chegar a uma nova compreensão do mundo, onde as relações masculinas poder ser aprofundadas sem nenhum medo, porque na medida em que não tenha consciência, não tenha visão desse teu lado feminino, você não consegue

⁷ Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*. nº 18, novembro de 1979, p. 5.

⁸ Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*. nº 18, novembro de 1979, p. 5.

⁹ *Ibidem*, p. 6.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

assumir suas amizades masculinas sem o medo de que elas venham a desembocar no sexo. Hoje as coisas são vistas de outra maneira: “e se desembocarem, e daí ? Por que não ?” Esse “por que não?” é que é uma pergunta revolucionária, pois no momento em que você começa a dizer isso, tudo bem: já não tem mais grandes grilos¹⁰.

Ao aproximar-se de movimentos homossexuais e conseqüentemente dos homossexuais, Gabeira nota a possibilidade de romper os próprios limites e padrões sobre as relações sociais. Entre muitos outros, ele também via a necessidade de emplacar essa luta como processo de libertação dos velhos padrões e discursos. Levantar bandeiras para além do pró-democracia seria um meio de “libertação do macho”¹¹, quer dizer, livrar-se da carcaça que a sociedade heteronormativa busca introjetar nos indivíduos criando formas de ser, agir e pensar.

Não por acaso, no mesmo período era possível discutir outras perspectivas teóricas e práticas como as de Michel Foucault, para quem o “poder” é um conceito singular. Foucault discute sobre o aparelhamento do discurso sexual,

[...] o homem ocidental há três séculos tinha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição. Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia¹².

Foucault afirma que a tentativa de censurar o sexo, conseqüentemente, cria normas e o aparelha, cria uma série de regras para se falar dele, esse aparelhamento ao contrário do que se tenta fazer, não o censura, mas recria novas formas de se falar. Nesse sentido, a igreja, as instituições políticas e de poder detêm as normas do discurso sexual. Percebe-se que se fala de

¹⁰ Ibidem, p. 8.

¹¹ Ibidem, p. 6.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p.29.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexo constantemente, seja para reificar o padrão e as normas, para não ultrapassar esses limites, seja para transgredi-los.

O debate sobre sexo-sexualidade tem contribuições relevantes naquele período, entre elas, a reflexão de Judith Butler, para quem

[...] o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o “sexo” é um ideal regulatório, cuja materialização é imposta: a esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o “sexo” é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória¹³.

Butler nos ajuda a pensar sobre esse sistema hegemônico gerador de hierarquizações, que produz desiguais e destina as chamadas “minorias” para a região da margem social, estigmatizando-as. Como afirmado, esse processo não pacífico é marcado por reiterações e por um aparato discursivo que pretende dizer a “verdade” sobre o sexo. Assim, segundo Louro: “Uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para a transgressões”¹⁴. Essa “luta maior” estava direcionada no sentido de eliminar a repressão militar, e justificou-se que posteriormente enfrentaria as questões colocadas como “menores”. Refletindo sobre a postura adotada majoritariamente pelo movimento da “luta maior”, pode-se inferir que há fortes indícios do discurso heteronormativo nesse meio, ao silenciar a dita “luta menor”, não subvertendo os padrões do corpo e do direito ao prazer poderiam eles estar contribuindo com esse sistema dominante.

¹³ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira. L. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 153 – 154.

¹⁴ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 17.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Lutar por uma sociedade livre e democrática implica em garantir a população o direito ao corpo, ao prazer e a sexualidade sem estigmas.

Conclusões: Após a análise das fontes, e leitura de teóricos de gênero e autores que trabalham o período, foi possível constatar que naquele período houve diversos movimentos em busca do prazer, do direito a viver a sexualidade plena, e contra os estigmas sobre os homossexuais. Movimento este que também foi perseguido pelos aparatos da ditadura militar e que incessantemente lutavam por uma sociedade democrática, livre das mais diversas opressões principalmente sobre os corpos. Para além dessas questões esse grupo se percebeu independente de movimentos de esquerda ou direita, afirmando em alguns momentos serem utilizados apenas como valor quantitativo dentro dessa chamada “luta maior”. O movimento foi crítico a essas posturas mas não deixou de lutar pelos ideais que demarcavam suas lutas.

Bibliografia:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’*. In: LOURO, Guacira. L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

GREEN, James.; QUINALHA, Renan. (org.) *Ditadura e Hoossexualidades. REPRESSÃO, RESISTÊNCIA E A BUSCA DA VERDADE*. São Carlos: EdUfSCar, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a Sexualidade*. In. LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Fontes:

Lampião da Esquina (1978 -1981)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Matérias:

ABC do Lula. Lâmpião da Esquina. nº 14, julho de 1979.

Fernando Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. Lâmpião da Esquina. nº 18, novembro de 1979.